

Coleção Caminhos para o desenvolvimento de Organizações da Sociedade Civil

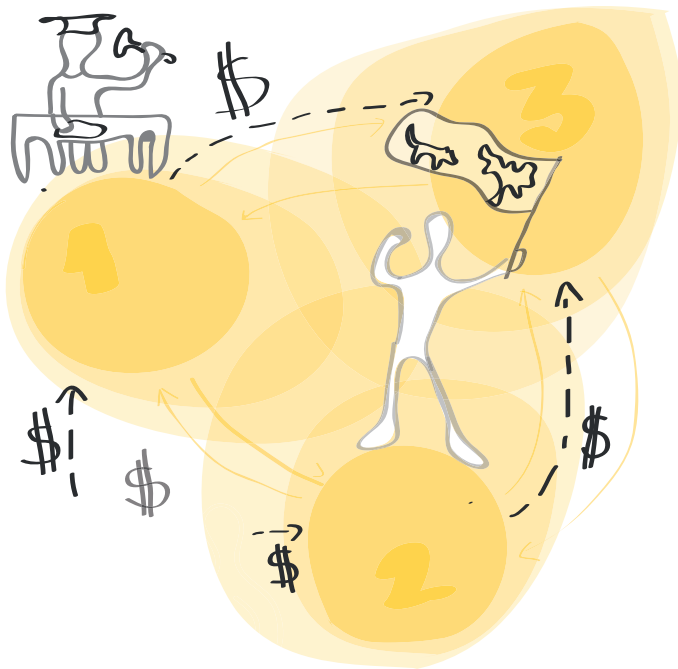
Diferenciar os três setores

Aprofundar a compreensão da dinâmica de uma OSC

Será que as pessoas que dizem “Terceiro Setor” têm um conceito claro do que é “Terceiro Setor”? Qual é a tarefa das organizações do “Terceiro Setor”? Que tipo de perguntas uma organização que se diz do “Terceiro Setor” deve se fazer para manter sua atuação relevante e significativa?

Um bom entendimento do que se denomina “Terceiro Setor” pode se tornar estratégico para questionar e amadurecer a atuação de uma organização social, bem como para tomar decisões que afetem de maneira consequente o seu papel (e o de outras) na sociedade.

A denominação “Terceiro Setor” é a de uma identidade em construção, o que por si só dá margem a interpretações e contestações. Até pouco mais de 20 anos não se utilizava a expressão “Terceiro Setor”. A consciência de algo que quer se renovar ainda está se expandindo.



Se existe um “Terceiro Setor”, existe também, pelo menos, outros dois setores: o “Primeiro” e o “Segundo”. O “Terceiro Setor” é composto tipicamente por organizações não governamentais e sem fins lucrativos, expressões que ilustram o que essas entidades não são. Fazem parte deste “setor” as

Organizações da Sociedade Civil (OSCs), que representa a sociedade civil organizada. Organizações com fins lucrativos (como empresas e corporações) são típicas do “Segundo Setor”, assim como organizações governamentais pertencem ao “Primeiro Setor”.

Pensar o “Terceiro Setor” separado do “Primeiro” e do “Segundo” setores é como pensar a cabeça separada do tronco e dos membros de uma pessoa. A simples separação mental entre eles já altera a sua compreensão e facilita criar erros de pensamento do tipo: “O Terceiro Setor é altruísta e o Segundo Setor é egoísta”.

Não existem limites claros entre um setor e outro, tal como não há limites precisos entre a noite e o dia, embora seja possível distingui-los. Cada indivíduo e organização vive os três setores simultaneamente, de diversas maneiras. A visão da sociedade com três setores nada mais é que apenas uma das formas de tentar compreendê-la. A maioria das organizações, senão todas, contém características dos três setores, em diferentes âmbitos. Os três setores se influenciam mutuamente, não estão isolados entre si. Isolar um ou mais setores é reduzir a compreensão do próprio desenvolvimento da sociedade.

O que distingue um “setor” do outro?

Há muito tempo, quando a atividade humana ainda era essencialmente agrícola, as pessoas perceberam que não eram capazes de produzir tudo o que necessitavam. Precisavam de alimentos e coisas produzidas por outros - quem era capaz de produzir arroz, nem sempre era capaz de produzir sal, por exemplo. Para obter esses produtos - de que necessitavam - passaram a estabelecer relações de troca com outras pessoas: quem tinha sal e precisava de arroz trocava sal com quem tinha arroz e assim por diante. As relações de troca foram ficando mais complexas e, dentre outras maneiras, criou-se um instrumento para facilitá-las: o dinheiro.

Também, há muito tempo, as famílias perceberam que formar agrupamentos humanos oferecia algumas vantagens, tais como interação, segurança, acesso a serviços e às trocas. Surgiram as comunidades e cidades. Descobriu-se, porém, que viver em comunidade é diferente de viver isoladamente. Numa família, era fácil saber quem decide sobre o quê, mas e numa comunidade? Quem deveria ser responsável pela

limpeza do poço de uso comum, por exemplo? E o que fazer na época de seca? As pessoas passaram a estabelecer acordos de convivência entre si e a desenvolver formas de garantir o respeito a esses acordos e criar sistemas de representação que levassem à construção de novos acordos dentro da comunidade. Tudo para que, idealmente, fosse preservada a integridade de cada pessoa e da comunidade.

As situações foram se tornando infinitamente mais complexas. Para que a realidade atual fosse construída, com suas qualidades e defeitos, foi preciso que a Humanidade frequentemente abandonasse conceitos (e acordos) antigos e desenvolvesse novos, mais adequados aos dilemas que o seu próprio caminho de evolução gerou e continua gerando. Sempre foi preciso que algumas pessoas questionassem o que estava estabelecido, enquanto outras lutavam para manter aquilo que já estava concebido. Sempre houve gente insatisfeita com o que existia, com ideias do que poderia ser diferente e disposta a atuar na construção de uma nova sociedade.

Estas histórias - as relações de troca, os agrupamentos humanos e a construção e desconstrução de conceitos - foram simplificadas para fins didáticos, servindo para ilustrar aspectos essenciais de uma sociedade com três “setores”. Servirão, também, para oferecer uma noção da interdependência e da dinâmica sutil das relações entre eles.

Qual é a natureza de cada setor?

O que se pode esperar como resultado da existência de cada um desses setores? O resultado esperado da existência das organizações governamentais pode ser entendido como “ordem social” e condições mínimas para o desenvolvimento de todas as pessoas. Do Governo espera-se que assegure o acesso à educação para 100% das crianças, por exemplo. As necessidades individuais podem ser mais bem respondidas pelas empresas, pela possibilidade e agilidade que têm de compreender melhor essas necessidades e atendê-las. Das organizações da sociedade civil se espera, como resultado, a ampliação de consciência das pessoas e, conseqüentemente, práticas inovadoras de desenvolvimento. Mudanças de atitude que perduram advêm da expansão de consciência, do questionamento de modos habituais de pensar, da busca por formas melhores de refletir, de interagir e de comportar-se. Muitas OSCs trabalham o tema “cidadania” - há uma luta

por criar uma nova consciência relacionada à convivência no mundo atual, descrita por muitos como uma “consciência cidadã”. Os conceitos de “desenvolvimento sustentável”, “inclusão” e “responsabilidade social”, que estão influenciando todos os tipos de organizações no mundo todo, são bons exemplos do que se pode entender como ampliação de consciência - como seria o mundo sem estes conceitos, atualmente?

Quem são os beneficiários originais em cada setor? Todas as pessoas que vivem em sociedade são, num sentido amplo, afetadas ou influenciadas pelos três setores. A condição que elas se colocam em relação a cada setor é diferente: para o Primeiro Setor, tornam-se cidadãos; para o Segundo Setor, consumidores; e para o Terceiro Setor? A Humanidade é o beneficiário do Terceiro Setor. Cada iniciativa do Terceiro Setor busca, em última análise, elevar os patamares de humanidade da sociedade.

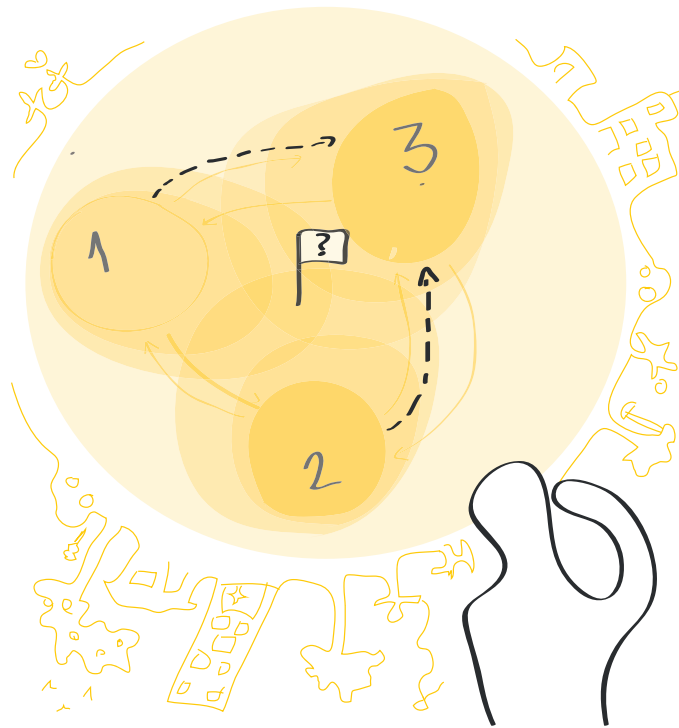
Que prerequisites os setores devem respeitar? Espera-se que o Estado (Primeiro Setor) crie um ambiente propício ao desenvolvimento de cada um dos cidadãos, enquanto do Segundo Setor (empresas privadas), espera-se que gere excedentes. Se uma empresa é incapaz de gerar excedentes (lucro, por exemplo), terá sua existência seriamente ameaçada. Organizações do Terceiro Setor surgem tipicamente a partir de insatisfações relacionadas à sociedade aliadas ao vislumbre de que algo pode ser diferente.

O Primeiro Setor atua por meio de sua capacidade de estabelecer, executar e fazer cumprir leis, acordos básicos para a convivência em sociedade. O Segundo Setor está baseado na produção e no consumo de bens e serviços, necessários à satisfação de necessidades humanas. O Terceiro Setor organiza-se ao redor de causas. Assim, o Primeiro Setor utiliza-se da lei, da polícia e da justiça para cumprir o seu papel. Já, o Segundo Setor, lança mão de outros meios, como a propriedade, o capital e a tecnologia. Uma empresa tem pelo menos um dono (mesmo que seja anônimo), sendo uma prerrogativa a propriedade. Uma organização governamental e uma associação da sociedade civil não têm dono (embora essa última seja privada). O Terceiro Setor tem como meios típicos de atuação as ideias, os ideais e o trabalho voluntário.

Quem são os tomadores de decisão característicos de cada setor? Evidentemente, no Primeiro Setor as decisões são tomadas pelos eleitores e seus representantes. No Segundo Setor, as decisões são tomadas por investidores e compra-

dores. Em frente a uma prateleira de supermercado, cada pessoa sempre tem uma decisão a tomar. No Terceiro Setor, as decisões são tomadas por aqueles que podem ser chamados de “tomadores de iniciativa” e por seus apoiadores.

Nos três setores, é possível vislumbrar mecanismos regulatórios. As votações e decretos atuam como mecanismos regulatórios no Primeiro Setor, enquanto a oferta e a demanda atuam como mecanismo regulatório no Segundo Setor. A mobilização e o engajamento são, por outro lado, os principais mecanismos regulatórios no Terceiro Setor. Uma iniciativa social terá tanto mais ou tanto menos força, quanto mais ou menos pessoas se mobilizarem e se engajarem nela e na causa a que se refere.



É de se esperar que as escolhas no Primeiro Setor sejam baseadas nos interesses da maioria e por questões de legalidade. Interesses mútuos e conveniências parecem orientar as escolhas no Segundo Setor. No Terceiro Setor, muitas decisões são tomadas considerando interesses de terceiros e o potencial existente em outras pessoas.

O Primeiro Setor opera a partir de uma lógica política de direitos e deveres. O Segundo Setor tende a operar mais baseado na técnica e no raciocínio compensatório, como a troca de um produto por certo montante em dinheiro. Espera-se do Terceiro Setor que opere a partir de uma lógica emancipatória e transformadora.

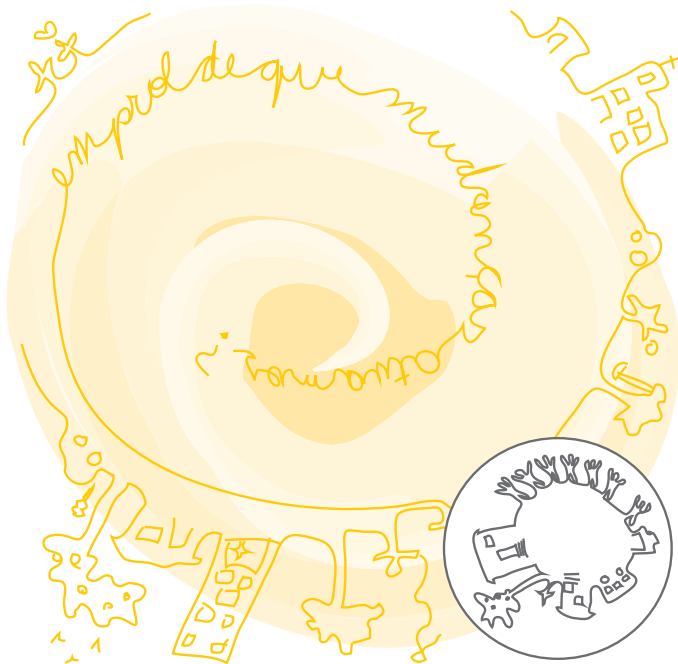
Em cada setor o exercício de poder tem bases diferentes: no Primeiro Setor, o poder, normalmente, é delegado. Os eleitores, ao escolherem representantes, delegam a eles o poder de tomar certas decisões. No Segundo Setor, convive-se com o chamado “poder aquisitivo”. Pessoas que não têm poder aquisitivo ficam praticamente excluídas do Segundo Setor. No Terceiro Setor, o poder é normativo e vem da capacidade que se tem de estabelecer padrões, parâmetros, conceitos, paradigmas. Uma organização do Terceiro Setor terá tanto mais poder quanto mais assimiladas e reconhecidas forem as suas ideias pelos outros.

O dinheiro tem origens diversas nos três setores. No Primeiro Setor, o dinheiro é tipicamente de todos, advindo do pagamento de impostos e taxas. No Segundo Setor, o dinheiro é de cada um, fruto das transações de compra e venda. No Terceiro Setor, comumente, o dinheiro é de terceiros, colocado à disposição por meio de doações.

Pode-se dizer que cada setor está orientado a um princípio central. O desrespeito ou a aplicação equivocada do princípio tende a gerar distorções e desequilíbrios na sociedade. O princípio a partir do qual está construído o Primeiro Setor é o da igualdade: todos os cidadãos têm os mesmos direitos e deveres, perante a lei todos são iguais. O Segundo Setor está assentado na ética¹: toda troca tem que ser regida por um respeito mútuo, de maneira que satisfaça os interesses de ambas as partes - metaforicamente, toda troca tem que ser ética, de maneira que seja feita com qualquer pessoa do mesmo modo com que é feita com um irmão ou familiar. O Terceiro Setor está (ou deve se manter) baseado no princípio da liberdade: as pessoas podem se reunir para discutir quaisquer assuntos e ideias que lhes interessarem, pois essa liberdade é necessária para propiciar o surgimento de ideias criativas e renovadoras - em períodos de ditadura, as pessoas perdem o direito à livre associação e à liberdade de imprensa justamente para que não tenham acesso ou não difundam ideias que possam levar à mudança do sistema social vigente.

Na prática, convém estar atento a determinados tipos de fenômenos que podem surgir do desrespeito aos princípios

assinalados anteriormente. No Primeiro Setor, a corrupção; no Segundo Setor, a exploração - por exemplo, a busca por reduzir ao máximo o preço a pagar por uma coisa que se quer. No Terceiro Setor, o fanatismo - chegar a pensar que todas as pessoas deveriam compartilhar das mesmas ideias.



O que fazer com tudo isso?

Uma organização pode se fazer algumas perguntas, tais como:

- Como está nossa atuação em prol da causa que abraçamos?

Uma organização deve evitar sentir-se responsável isoladamente por uma causa. Ao contrário, pode-se reconhecer parte de um “movimento” transformador, por meio do qual paradigmas são renovados e uma verdadeira mudança de mentalidade pode ocorrer na sociedade.

- Para que tipo de transformação nós temos contribuído?

Uma organização do “Terceiro Setor” pode verificar qual tem

sido o efeito de sua atuação na sociedade. Uma dica é tentar esclarecer que tipo de questão está sendo enfrentada, na forma de uma pergunta com caráter existencial. Por exemplo, uma ONG pode chegar à conclusão que está buscando solução para a pergunta “Como retirar crianças da rua?”; outra pode chegar à conclusão de que a pergunta central é “O que faz com que mais e mais crianças tenham que virar-se para viver nas ruas?”. Essa reflexão pode levar a um profundo processo de reavaliação de sua atuação e, conseqüentemente, dos serviços que presta.

- Quem nós queremos influenciar?

Fazer algo diferente é consequência de um novo patamar de consciência. A simples noção dos conceitos “desenvolvimento sustentável” ou “inclusão”, por exemplo, pode fazer uma diferença enorme em termos de comportamento. Não é o “Terceiro Setor” que gera mudanças sociais, mas um conjunto de atores e circunstâncias, indivíduos, empresas, associações e outros. Espera-se que o “Terceiro Setor” gere maior consciência, para que os diferentes atores ajam de maneira diferente.

- Em que medida nós estamos contribuindo para a emancipação?

Emancipar, no dicionário, significa tornar(-se) independente, libertar(-se). Processos emancipatórios implicam questionamento, (auto)confrontação e dúvida, com perspectivas de rompimento, seja com alguém, seja com algo do passado. Quando há emancipação, no melhor sentido, as relações entre as pessoas tendem a mudar, sendo comum haver tensões e atritos durante o processo. A organização está aceitando o desafio de contribuir para que de fato um determinado grupo pense por conta própria ou, ao contrário, está tornando este mesmo grupo mais comportado e padronizado? Mais uma vez, a coincidência ou não entre a resposta na prática e aquilo que se prega como mais alto ideal pode influenciar as ações de um grupo de lideranças.

- Que tipo de relacionamento queremos manter com instituições do 1º e do 2º Setor?

Uma sociedade é produto da interação entre esses três setores. A visão que se tem do papel de cada um no desenvolvimento social interfere significativamente na atuação de uma organização do “Terceiro Setor” (e possivelmente dos outros setores também). As pessoas que lideram uma iniciativa social com (ou sem) apoio de empresas e do Estado precisam (re)

discutir filosoficamente seu entendimento dessas instituições. Esse exercício, se feito com abertura, pode conduzir a novas perguntas como: “Qual é o papel do lucro na sociedade atual?” e “O que/como a nossa visão de Estado implica em mudanças nos nossos programas, atividades e parcerias estratégicas?”.

A prática honesta, corajosa, regular e criativa desse tipo de questionamento pode contribuir para uma revisão dos propósitos de uma instituição, bem como para o exercício pleno de seu papel social.

Coleção Caminhos para o desenvolvimento de Organizações da Sociedade Civil

Esta Coleção é composta por 50 folhetos com variados temas de apoio à gestão de Organizações da Sociedade Civil. Foi preparada pela equipe do Instituto Fonte e lançada em agosto de 2012. Está disponível de forma gratuita no site: www.institutofonte.org.br.

Esta publicação é parte dos materiais e atividades desenvolvidos no projeto “Empoderando pessoas e criando capacidades nas organizações da sociedade civil” que tem o objetivo de potencializar os resultados e impactos positivos gerados pelos projetos desenvolvidos por essas organizações, qualificando seus gestores em temas que envolvem desde a elaboração de projetos à prestação de contas, visando contribuir para gerar resultados que assegurem os direitos de crianças, adolescentes e jovens brasileiros, público-alvo dessas organizações, sobretudo aqueles em situação de vulnerabilidade.

O(s) autor(es) é(são) responsável(is) pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco a delimitação de suas fronteiras ou limites.

Esclarecimento: a UNESCO mantém, no cerne de suas prioridades, a promoção da igualdade de gênero, em todas suas atividades e ações. Devido à especificidade da língua portuguesa, adotam-se, nesta publicação, os termos no gênero masculino, para facilitar a leitura, considerando as inúmeras menções ao longo do texto. Assim, embora alguns termos sejam grafados no masculino, eles referem-se igualmente ao gênero feminino.

Coordenação geral: Flora Lovato | Coordenação técnica: Antonio Luiz de Paula e Silva

Equipe responsável: Alexandre Randi, Ana Bianca Biglione, Antonio Luiz de Paula e Silva, Arnaldo Motta, Flora Lovato, Gladys Cristina Di Cianni, Helena Rondon, Joana Lee Ribeiro Mortari, Lafayette Parreira Duarte, Luciana Petean, Madelene Barboza, Mariangela de Paiva Oliveira, Marina Magalhães Carneiro de Oliveira, Martina Rillo Otero e Sebastião Luiz de Souza Guerra.

Revisão ortográfica: Gladys Cristina Di Cianni | Ilustrações: Lia Nasser | Design: Disco Design

www.institutofonte.org.br



CRINÇA
ESPERINÇA

Um projeto

Em parceria com a



PROGRAMA
PETROBRAS
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA

BR PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA